



Igreja e Violência doméstica contra as Mulheres: ações de enfrentamento e superação¹

Church and Domestic Violence against Women: actions of fighting and overcoming

Daniéli Busanello Krob*

Resumo: A violência contra as mulheres está socialmente enraizada e banalizada em nossa cultura, muito ainda fruto do discurso religioso-patriarcal ao qual as mulheres foram subordinadas por séculos de história. Há ainda quem faça uso equivocado das Escrituras para justificar e legitimar opressões, injustiças e até mesmo violências cometidas contra as mulheres de todas as classes sociais, raças e etnias, gerações, e outras categorias. A violência doméstica contra as mulheres se torna um problema de saúde pública e um desafio para as igrejas, pois ela também se faz presente no íntimo de famílias cristãs, contrariando o chamado de Deus de justiça e amor para todas as pessoas. Diante disso, a pesquisa buscou investigar quais as ações que a igreja toma pelo fim da violência doméstica contra as mulheres através das percepções e ações localizadas das ministras e dos ministros nas paróquias e comunidades distribuídas nos trinta municípios que abrange a região do Sínodo Rio dos Sinos – IECLB. Os dados coletados nas entrevistas aparecem no texto dialogando com os conceitos apresentados. A violência contra as mulheres precisa de esforço e compromisso político e cristão para ser superada, pois o silêncio e a omissão ainda compactuam com sua manutenção. O compromisso pela vida das mulheres é fonte de justiça, empoderamento e superação da violência contra as mulheres.

Palavras-chave: Violência contra as mulheres. Justiça de gênero. Religião.

¹ Este artigo é fruto da Tese de Doutorado da autora. Ver pesquisa completa em: KROB, Daniéli Busanello. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

* Doutora em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Pesquisadora integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST. Contato: danielibusanello@gmail.com. Atuou como convidada no Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST, linha de atuação Gênero, Feminismos e Diversidade.



Abstract: Violence against women is socially rooted and trivialized in our culture, much of it still fruit of the patriarchal-religious discourse to which women have been subordinated for centuries of history. There are still those who misuse the Scriptures to justify and legitimate oppressions, injustices and even violence committed against women of all social classes, races and ethnicities, generations and other categories. Domestic violence against women becomes a public health problem and, also, a challenge to the churches since it is also present within their Christian families, going against God's calling for justice and love towards all people. Confronted with this, this research seeks to investigate, through case studies, which actions the church carries out to end domestic violence against women, through the perceptions and localized actions of the ministers in the parishes and congregations distributed throughout the thirty municipalities which make up the region of the Rio dos Sinos Synod – IECLB. The data collected in the interviews appear in the text dialoguing with the concepts. Much effort and political and Christian commitment are needed to overcome violence against women, because the silence and omission still condone its maintenance. Commitment to the life of women is a source of justice, empowerment and overcoming violence against women.

Keywords: Violence against women. Gender justice. Religion.

Considerações iniciais

A violência doméstica contra as mulheres pode acontecer em todas as classes sociais, grupos étnicos e raciais, com pessoas de diferentes orientações sexuais, religiões e faixas etárias. De acordo com dados divulgados pela organização não governamental ActionAid, a violência doméstica é responsável pela morte de cinco mulheres a cada hora ao redor do mundo. A previsão da ActionAid é que mais de 500 mil mulheres ainda serão assassinadas em decorrência da violência doméstica até 2030.² No Brasil, estima-se que a cada dois minutos 5 mulheres são espancadas, e os homens com quem essas mulheres têm ou tiveram alguma relação afetiva são os responsáveis por mais de 80% dos casos denunciados.³

Levando em consideração os dados apresentados, a pesquisa desenvolvida para o curso de doutorado em teologia teve como objetivo principal investigar as percepções e ações de ministros e ministras no Sínodo Rio dos Sinos (SRS)⁴ para a construção de relações justas e não violentas entre homens e mulheres. Foram entrevistados e entrevistadas ministros e ministras do SRS que se voluntariaram a responder um questionário durante a sua conferência. Um total de 44 pessoas foram convidadas a participar do estudo. Ao final da conferência, 25 pessoas devolveram os questionários, sendo que dois estavam sem nenhum dado preenchido. As não adesões em

² EBC Agência Brasil. *Violência doméstica mata cinco mulheres por hora diariamente em todo o mundo*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/violencia-domestica-mata-cinco-mulheres-por-hora-diariamente-em>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

³ AGÊNCIA Patrícia Galvão. *Dossiê Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#dadosnacionais>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

⁴ O SRS integra a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Abrangendo a região da Grande Porto Alegre, o SRS contempla 30 municípios, alcançando cerca de 52.500 membros.

participar da pesquisa e os questionários devolvidos em branco também são entendidos como dados de análise. Serão apresentados aqui alguns dos dados obtidos na pesquisa, costurados, ao longo do texto, em diálogo com resultados de pesquisa bibliográfica.

Violência contra as mulheres

Os dados da pesquisa de doutorado apontam que a maioria das pessoas (60%) entrevistadas respondeu, referente à questão que buscava investigar a percepção do público pesquisado no contexto local de trabalho em relação à violência doméstica contra as mulheres, que acontecem muitos casos na cidade sede do seu local de trabalho. Três pessoas (13%) relataram não haver muitos casos nas cidades onde trabalham e outras 6 não souberam responder (26%).

A violência contra as mulheres pode lhes causar danos físicos, sexuais e emocionais, incluindo a morte. De maneira mais ampla, ela afeta negativamente a qualidade de vida das mulheres, limitando e impedindo-as de participar plenamente na sociedade. Além disso, as consequências não atingem apenas as mulheres vitimadas pela violência, mas também suas famílias, seu entorno comunitário e a sociedade em geral.

No entanto, a violência contra as mulheres é tratada muitas vezes de forma genérica e superficial pela sociedade em geral, como se fosse “[...] um fruto das desigualdades econômicas, algo que ocorre com as pessoas pobres, que moram longe e que vivem alcoolizadas e drogadas.”⁵ Esse pensamento não condiz com a realidade, pois a violência contra as mulheres não escolhe classe, credo, cor ou qualquer outra particularidade. Basta apenas ser mulher para estar em situação de risco de sofrer violência.

A violência contra as mulheres está vinculada às relações desiguais de poder que se estabelecem entre homens e mulheres. “As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder.”⁶ Essas relações cotidianas, carregadas de desigualdade e opressão, criam uma ideia de inferioridade das mulheres, ficando estas vulneráveis às diversas formas de violência.

Acreditar que a justiça de gênero foi alcançada, como apontaram uma mulher e 3 homens em resposta ao questionário da pesquisa, significa acreditar que as relações de poder entre homens e mulheres estão equilibradas. Se fosse assim, a violência contra as mulheres teria sido superada. E essa contradição entre justiça de gênero e violência doméstica contra as mulheres aparece nas respostas de 2 das quatro pessoas citadas. Um homem apontou ter conhecimento de um caso de violência doméstica em sua comunidade e uma mulher apontou ter conhecimento de

⁵ TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012, p. 9. (Coleção Primeiros Passos)

⁶ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero patriarcado violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 89.

2 a 5 casos. Surgem algumas hipóteses para isso, tais como ter se confundido ao assinalar a primeira alternativa ou uma confusão no conceito de justiça de gênero, não considerando a violência sofrida pelas mulheres como uma relação desigual de poder.

De acordo com Heleieth Saffioti, há diferenças entre violência de gênero, violência contra as mulheres, violência doméstica e violência intrafamiliar.⁷ Segundo a autora, violência de gênero refere-se a um guarda-chuva mais amplo, que inclui as outras categorias. Está baseada em uma organização social que privilegia o masculino hegemônico. As relações de gênero (e de poder) também são construídas e estabelecidas na dinâmica homem-homem e mulher-mulher. Sendo assim, uma relação violenta entre esses pares pode se configurar como violência de gênero.

Para a autora, a categoria violência contra as mulheres as inclui em todas as etapas da vida, desde bebês, meninas, adultas até idosas. E, conseqüentemente, exclui os homens em todas as suas etapas de vida. Em consonância com a antropóloga Marcela Lagarde y de los Ríos, é uma exclusividade do fato de ser mulher: “[...] a violência contra as mulheres ocorre sem que haja qualquer relação social anterior, salvo a pertença genérica.”⁸

Quanto à violência intrafamiliar, ela pode acontecer dentro ou fora dos limites do domicílio e é entendida como “[...] a que envolve membros de uma mesma família extensa ou nuclear, levando-se em conta a consanguinidade e a afinidade.”⁹ A violência doméstica, por sua vez, sobrepondo a violência intrafamiliar, pode atingir também pessoas que vivam ou convivam no domicílio do agressor, mas que não sejam necessariamente pertencentes à família, como é o caso de empregadas domésticas, por exemplo.

Uma das particularidades da violência contra as mulheres é que, com grande frequência, seus agressores são seus companheiros íntimos ou ainda outros homens de seu convívio familiar ou profissional, enquanto que a violência sofrida pelos homens é, de um modo geral, exercida por outros homens desconhecidos.¹⁰

Na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará), adotada pela Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1994, definiu-se que violência contra a mulher configura-se em “[...] qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada.”¹¹ Toda mulher tem direito a uma vida sem

⁷ SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: *Cadernos Pagu*, vol. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016, p. 133-136; SAFFIOTI, 2015, p. 73-100.

⁸ RÍOS, Marcela Lagarde y de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5 ed. México: UNAM, 2011, p. 258-259.

⁹ SAFFIOTI, 2015, p. 75.

¹⁰ SCHAIBER, Lilia Blima et al. *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 39. (Coleção Saúde e Cidadania)

¹¹ SENADO FEDERAL. Secretaria de Informação Legislativa. *Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996*. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher,

violência, seja no ambiente público ou doméstico. Quando meninas e mulheres tiverem esse e outros direitos garantidos, muitas violências poderão ser evitadas.

Teologia que liberta mulheres e também homens

A religião se mostra com uma roupagem de diálogos de paz, orientação para o bem comum da humanidade, propagação do amor e amparo, o que “dificulta a percepção do potencial de violência que subjaz em seu discurso e em sua prática, sobretudo em relação às mulheres.”¹² Outro ponto a ser observado é que certos dogmas religiosos podem contribuir para a manutenção de um relacionamento abusivo, visto que normalmente as mulheres devem se submeter ao discurso patriarcal. “Assim como acontece em todos os espaços sociais, as comunidades religiosas não estão isentas dessa realidade e, muitas vezes, colaboram para a perpetuação dessa violência com seus discursos e suas práticas.”¹³

Outro fator que pode instigar e alimentar os mitos religiosos que corroboram com a violência doméstica contra as mulheres é a falta de preparo teológico para lidar com estes casos.¹⁴ Um dos maiores mitos da igreja cristã é o lar como local seguro e sagrado, devendo ser mantido intocado acima de tudo. As famílias inseridas em comunidades de fé também podem ser afetadas pela violência doméstica:

[...] os aconselhadores pastorais precisam reconhecer a realidade de que a família é o grupo mais violento ao qual mulheres e crianças pertencem. Mesmo que haja um desejo de ver a família como um grupo que vive os valores cristãos, onde há conforto, amor e alegria, é necessário reconhecer que a família é um lugar onde não apenas a violência, mas também a tragédia pode ocorrer.¹⁵

Uma das perguntas do questionário apresentado aos e às participantes buscava investigar se eles e elas tinham conhecimento de casos de violência doméstica contra as mulheres nas comunidades onde trabalham. **A maioria das pessoas entrevistadas (38%) respondeu que não tem conhecimento de nenhum caso de violência doméstica.** Cinco pessoas (22%) assinalaram ter conhecimento de um caso e 8 (35%) responderam saber de 2 a 5 casos de

concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=122009>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

¹² CITELI, Maria Teresa; ROSADO-NUNES, Maria José. Violência simbólica: a outra face das religiões. *Cadernos Católicas pelo Direito de Decidir*, vol./no. 14. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2010, p. 5.

¹³ LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de; ZWETSCH, Roberto E. Acolhimento às mulheres negras para a superação das cadeias religiosas: um desafio ao feminismo. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBl, 2014, p. 168.

¹⁴ “Nesse trágico contexto mundial e local, as autoridades políticas e religiosas ainda nos convidam à submissão a Deus, a fazer sua vontade, a obedecer-lhe como condição para chegarmos a uma vida feliz.” GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismo*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010, p. 54.

¹⁵ BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 125.

violência doméstica. Por fim, uma mulher apontou ter conhecimento de 6 a 10 casos de violência doméstica.

É na religião que muitas mulheres procuram entender e justificar a violência existente em sua relação. Procuram identificar seus martírios pessoais com o sofrimento e a permanência da relação.¹⁶ Maria José Rosado-Nunes aponta que as mulheres são maioria nas igrejas e pergunta o que as igrejas estão fazendo das mulheres:

Elas são maioria entre a população de fiéis; maioria no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão religiosa, e maioria entre os guardiões da memória do grupo religioso [...] grande parte das mulheres fiéis trabalham para conectar outras mulheres à Igreja: o marido, as filhas e filhos, a família ou o círculo social e profissional onde atuam. No entanto, sua presença segue sendo silenciosa e suas razões seguem sem se expressar. Por que há tantas mulheres em busca de Deus? O que dão as religiões às mulheres e o que lhe dão elas às religiões?¹⁷

Como os dados da pesquisa mostraram, é preocupante o fato de que 9 ministros e ministras relataram não ter conhecimento de nenhum caso de violência doméstica em suas paróquias/comunidades. É possível levantar a hipótese de que o discurso religioso dessas pessoas não atinge essas mulheres de maneira a se sentirem acolhidas e seguras para denunciar a violência.

Uma pesquisa realizada ainda em 2016 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie apontou que 40% das mulheres em situação de violência doméstica são evangélicas.¹⁸ O documento resultante dessa pesquisa destaca pontos preocupantes. Um deles é o entendimento e aconselhamento por parte das lideranças religiosas de que o poder da oração pode combater a violência, pois é o demônio quem age através do agressor. Posta essa ideia, torna-se muito difícil para a mulher agredida denunciar a violência, visto que a culpa por estar traindo o ministro ou ministra e o próprio Deus seria um fardo muito pesado.

De forma simbólica e subjetiva, os discursos religiosos e suas práticas atuam com grande força neste cenário de controle e submissão, de pai sobre a família, de marido sobre a esposa. “A inferiorização das mulheres veiculada por discursos religiosos é uma forma de violência simbólica, implementada através de representações sociais. A principal delas parece ser a culpabilização

¹⁶ SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 19.

¹⁷ ROSADO-NUNES, María José. Nuevos Paradigmas en el Pensamiento Teológico Feminista – El anhelo por un mundo justo. In: PILAR AQUINO, María; ROSADO-NUNES, María José. *Teología feminista intercultural: Exploraciones latinas para un mundo justo*. México: Ediciones Dabar, 2008, p. 34-35.

¹⁸ GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. *40% das vítimas de violência contra a mulher são evangélicas*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/40-das-vitimas-de-violencia-contra-mulher-sao-evangelicas/#gs.3CjsV30>>. Acesso em: 27 nov. 2016; GOSPEL. *40% das mulheres que sofrem violência doméstica são evangélicas, diz pesquisa recente*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/40-mulheres-sofrem-violencia-domestica-evangelicas-86697.html>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

das mulheres pelo mal.”¹⁹ A religião atua como um dos pilares de onde as representações sociais se sustentam e se desenvolvem. Os discursos religiosos, os textos sagrados e suas interpretações, as práticas de exclusão e discriminação sexista da igreja em relação às mulheres colaboram para a manutenção desta violência.²⁰ Para muitas pessoas, é através da religião que as representações sociais se estabelecem e se desenvolvem.

Uma das perguntas feitas aos e às participantes da pesquisa visava investigar a frequência com que seus serviços eram procurados por mulheres em situação de violência doméstica em busca de algum auxílio ou aconselhamento. Um dado que chama a atenção é que 7 homens, além de uma pessoa que não informou seu sexo (34%), apontaram que nunca foram procurados em busca de aconselhamento/auxílio por mulheres em situação de violência doméstica nas comunidades onde trabalham. Seis pessoas (26%) responderam que são procuradas uma vez por ano e outras 9 pessoas (39%) apontaram que mulheres em situação de violência doméstica as procuram em suas comunidades em busca de aconselhamento/auxílio de 2 a 5 vezes por ano.

Lilian Lira e Roberto Zwetsch citam dados de pesquisa de 2011, Novo Mapa das Religiões, que revelam que 93% das brasileiras e 85% dos brasileiros atribuem importância ao fator religioso em suas vidas.²¹ Sendo assim, é válido afirmar que a igreja pode vir a ser o refúgio, o local onde as mulheres que sofrem violência buscam auxílio e acolhida. Isso se deve, primeiramente, ao fato de que este é um espaço permitido socialmente a ela pelo homem que a agride. Outro fator relevante é que este espaço religioso e suas lideranças são consideradas sagradas. No entanto, não se pode esquecer que as instituições religiosas e seus e suas representantes estão inseridos e inseridas no sistema patriarcal, e suas políticas, ideologias e atitudes contribuem, na maioria das vezes, para a manutenção desta organização social.

A religião patriarcal introduziu normas de comportamento social a partir de uma concepção hierárquica do mundo e das classes sociais. A religião entrou na esfera do público e a ela submeteu o privado, como se este fosse algo menor e sem importância. A religião torna-se instituição social pública ao lado de outras instituições. Torna-se uma variante do mesmo poder patriarcal.²²

As pessoas que participaram da pesquisa foram perguntadas se trabalham ou trabalharam com o tema da violência doméstica contra as mulheres em algum dos espaços comunitários. Aquelas que responderam trabalhar sempre com este tema (9%) são todas mulheres. Antagonizando, responderam nunca trabalhar com este tema apenas homens, além de uma

¹⁹ TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2004, p. 175.

²⁰ STRÖHER, Marga J. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (Org.). *Religiões em diálogo: Violência contra as mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009, p. 101.

²¹ LIRA; ZWETSCH, 2014, p. 169-170.

²² GEBARA, 2010, p. 48.

pessoa que não informou seu sexo (13%). A maioria das pessoas entrevistadas (79%) respondeu trabalhar às vezes com o tema da violência doméstica contra as mulheres nos diversos espaços comunitários.

Incluir sempre o tema da violência doméstica nos trabalhos comunitários é uma questão de posicionamento político. Não no sentido partidário, mas no sentido de sair de cima do muro e entender que essa é uma questão grave de saúde pública que afeta toda a sociedade. É entender que as violências se dão por uma gama de fatores e, a partir daí, trazer à mesa comunitária para debate e reflexão o amplo leque de possibilidades que a justiça de gênero pode alcançar. Nunca incluir o tema da violência doméstica nos trabalhos comunitários pode ser uma questão de descaso, falta de percepção da realidade ou até mesmo de misoginia.²³

Violência doméstica contra as mulheres: um desafio para as igrejas

A violência doméstica contra as mulheres também é assunto das comunidades de fé. Não há mais espaço – de um ponto de vista ético-cristão – para a neutralidade diante deste pecado. As igrejas são desafiadas a pensar novos discursos, novas linguagens e novas práticas para superar a violência doméstica contra as mulheres presente também nas famílias cristãs e, assim, avançar cada vez mais na busca pela justiça de gênero. Esse desafio é grande, visto que para tanto é necessário transformar as estruturas.

Compreender a face histórica e opressora da imagem de Deus é o primeiro passo para transformá-la em fonte libertadora de vida e de esperança para todas as pessoas. Através de documentos e materiais de estudo.²⁴ a IECLB oferece subsídios para essa compreensão e transformação. No entanto, essa é uma via de duas mãos, e o material escrito, para ser aproveitado, precisa ser lido e, de preferência, que o leitor ou leitora tenha interesse no aprendizado. Trilhar um caminho na busca da justiça de gênero e da superação da violência doméstica contra as mulheres é um comprometimento político e cotidiano, de palavras e ações.

Posicionar-se publicamente pelo fim da violência doméstica contra as mulheres e a favor da justiça de gênero oferece conforto e segurança para as mulheres que estão em situação de

²³ “De antemão afirmamos ser a misoginia um fato histórico que vem perpassando sociedades e culturas [...] A misoginia, ou seja, a aversão para com a mulher e a tudo que venha dela, como a visão da mulher portadora do mal, não surgiu com o cristianismo, mas foi incorporado no pensamento cristão.” VILHENA, Valéria Cristina. *Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Humanidades e Direito. São Bernardo do Campo, Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2009, p. 77.

²⁴ SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: plano de ação para as igrejas*. Tradução de Paul Tornquist e Brunilde Arend Tornquist. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2002; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2005; IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013; IECLB – Portal Luteranos. *Em comunhão com as vidas das mulheres*. Histórias de vida de mulheres das comunidades da IECLB. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres>>. Acesso em: 13 dez. 2016.



violência poderem ir à procura de auxílio: “[...] palavras ditas e ouvidas na hora certa também podem mudar rumos, transformar vidas, trazer esperança, desintegrar depressão.”²⁵ Da mesma forma, confronta os homens com esta realidade e os convida a ser agentes de transformação positiva da mesma em parceria com as mulheres.

A violência doméstica contra as mulheres e a justiça de gênero não são temas novos para a IECLB. Certamente há um empenho de determinados setores da igreja em difundir cada vez mais a busca e a importância da justiça de gênero e da superação da violência doméstica contra as mulheres nas comunidades de fé e na sociedade como um todo.

Quando questionados e questionadas sobre as campanhas de enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres promovidas por igrejas, destacou-se nas respostas das ministras e dos ministros o termo **conscientização**. Algumas das respostas foram: “Uma melhor **conscientização** sobre as consequências causadas a toda a sociedade, não somente a quem sofre a violência.” [H, 29-35] “A **conscientização** muda as ações.” [H, 29-35] “Primeiramente, a **conscientização** de que é uma realidade que existe e que está camuflada pela vergonha e medo. Também o aspecto da profecia da denúncia desse aspecto nas nossas comunidades.” [H, 51-65] “Podem **conscientizar** e dar coragem para as mulheres procurarem ajuda. Também ajudam a comunidade a ser solidária com mulheres que sofrem violência.” [M, 51-65] “**Conscientização**. Coragem para enfrentar a sociedade, família e procurar seus direitos legais.” [M, 29-35] “**Conscientizar** as mulheres dos seus direitos e os homens dos seus deveres.” [H, 51-65]

Uma forma de aplicar a teoria à prática é fazendo como respondeu uma das entrevistadas, por exemplo, quando indagada a respeito de sua contribuição enquanto liderança comunitária e religiosa no enfrentamento à violência doméstica contra mulheres membros de sua paróquia/comunidade: “Propor releituras de textos bíblicos, refletindo sobre a cultura/contexto de onde parte o texto e sobre a posição libertadora de Jesus frente às mulheres e outros públicos menosprezados na sua época; Fazer pontes entre a fé e a vida; Estar atenta às campanhas públicas, às conquistas e aos retrocessos ligados às mulheres; Celebrar liturgicamente as discussões a respeito da superação da violência doméstica; Fazer deste assunto um assunto de toda a comunidade, não somente das mulheres.” [M, 36-50]

Todos os documentos e materiais citados são de livre acesso na internet. Além disso, recomendações de estudo e de aplicação e distribuição, são encaminhados aos ministros e ministras e também a outras lideranças comunitárias. Não é uma via de mão única. É feita a distribuição, mas também pode haver a procura por interesse por parte do ministro ou da ministra.

A IECLB afirma-se como igreja inclusiva. Muitas ações e documentos demonstram essa busca pela inclusão e justiça de gênero. No entanto, devemos ficar atentos e atentas se esse

²⁵ SOUZA, Mauro B. de. Prédica e justiça de gênero: possibilidades. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 147.



entendimento está dentro das estruturas da IECLB ou se muda de acordo com quem está nas posições de poder. “O desafio consiste em nos perguntarmos, como pessoas luteranas: enquanto Igreja, de que maneira temos testemunhado a questão da igualdade de gênero? [...] temos sido exemplo de homens e mulheres que se respeitam e que respeitam as pessoas diferentes?”²⁶

Considerações finais

A violência contra as mulheres, como exposto, atinge proporções de problema de saúde pública e fere os direitos humanos das mulheres. É uma ameaça constante em suas vidas, em qualquer categoria de pertença. Há um fio condutor que rompe as barreiras de classe, raça e etnia, religiosidade, geração etc.: o senso comum de que os corpos, ações e ideias das mulheres são inferiores aos homens e, por isso, são passíveis de controle e abusos.

Entretanto, trata-se ainda de um assunto velado, que se tenta mascarar ou diminuir inculcando culpa ou descrença às vítimas, ora justificadas por falsas dogmáticas, ora por determinismos biológicos refutados. O silêncio e a omissão são peças fundamentais na manutenção da violência contra as mulheres, principalmente no âmbito doméstico, pois eles fortalecem o poder dos agressores sobre as vítimas. Porém, o contrário também é possível, e enunciar e denunciar as violências dá voz e empodera as mulheres.

Apesar de o público pesquisado representar um recorte pequeno da amplitude de ações e percepções que ministros e ministras da IECLB, bem como lideranças religiosas das igrejas cristãs como um todo, podem alcançar em se tratando da superação da violência doméstica contra as mulheres, os dados apresentados reafirmam o silêncio. O primeiro indicativo disso foi o fato de que 44 ministros e ministras foram convidados e convidadas a participar da pesquisa e 19 ‘preferiram não se envolver’. Curiosa foi a postura de duas pessoas que pegaram os envelopes e depois os devolveram sem nenhum dado preenchido. O segundo ponto que chama a atenção é o fato de que a maioria das pessoas entrevistadas aponta não ter conhecimento de nenhuma mulher em situação de violência doméstica entre os membros da comunidade onde atuam. Isso dá um total de 9 comunidades no SRS em que as mulheres não se sentem encorajadas e seguras para procurar auxílio.

Nas palavras do pastor presidente Nestor Friedrich, em vídeo que convidava para o lançamento da campanha “Em comunhão com as vidas das mulheres”:²⁷

[...] É nosso papel enquanto Igreja dar o testemunho público de que essas situações contrariam a Boa Nova de Jesus Cristo e os direitos humanos

²⁶ PEDROTTI-MANSILLA, Débora Erileia. Gênero e cotidiano comunitário na IECLB: um desafio de todas as pessoas. In: IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013, p. 27-28.

²⁷ IECLB – Portal Luteranos. *Campanha Em comunhão com as vidas das mulheres*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

fundamentais. Mas também é nossa tarefa olhar para nós mesmos, para nós mesmas e perceber de que forma nós, individualmente, em nossas comunidades ou como Igreja, contribuimos para que essas situações continuem assim.²⁸

O silêncio ainda se faz presente e a denúncia profética da injustiça de gênero e do pecado da violência contra as mulheres ainda não foi feita em conjunto. Há passos significativos dados nessa direção, como os documentos que normatizam e/ou informam e ampliam a reflexão, ou como o comprometimento político pela vida das mulheres, como demonstram alguns ministros e ministras. O fato de a IECLB declarar-se publicamente comprometida pelo fim da violência contra as mulheres e pela busca da justiça de gênero deve ser reconhecido.

O discurso religioso que transforma a igreja em um espaço seguro e de cura é aquele que denuncia as injustiças contra todas as pessoas, sem usar de termos genéricos. Um discurso religioso transformador e libertador nomeia o pecado da injustiça de gênero e da violência contra as mulheres e convida todas as pessoas a caminhar lado a lado como iguais e transformar suas relações na beleza de suas diferenças como criaturas de Deus. “Em breve, acredito, poderemos, mulheres e homens, captar os sinais de uma nova aurora da humanidade. Muita gente lutou para que isso acontecesse.”²⁹

Referências

AGÊNCIA Patrícia Galvão. *Dossiê Violência contra as Mulheres*. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-mulheres/#dadosnacionais>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara. *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

CITELI, Maria Teresa; ROSADO-NUNES, Maria José. Violência simbólica: a outra face das religiões. *Cadernos Católicas pelo Direito de Decidir*, vol./n. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010.

EBC Agência Brasil. *Violência doméstica mata cinco mulheres por hora diariamente em todo o mundo*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/violencia-domestica-mata-cinco-mulheres-por-hora-diariamente-em>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

FRIEDRICH, Nestor. *Mensagem da Presidência para lançamento da ‘Campanha em comunhão com as viDas das mulheres’*. (P. Nestor Friedrich – Pastor Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fhzy9WkGek>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

²⁸ FRIEDRICH, Nestor. *Mensagem da Presidência para lançamento da campanha ‘Em comunhão com as viDas das mulheres’*. (P. Nestor Friedrich – Pastor Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fhzy9WkGek>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

²⁹ GEBARA, 2010, p. 61.

GEBARA, Ivone. *Vulnerabilidade, justiça e feminismos*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. *40% das vítimas de violência contra a mulher são evangélicas*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/40-das-vitimas-de-violencia-contra-mulher-sao-evangelicas/#gs.3CjsV30>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

GOSPEL. *40% das mulheres que sofrem violência doméstica são evangélicas, diz pesquisa recente*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/40-mulheres-sofrem-violencia-domestica-evangelicas-86697.html>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013.

_____. *Campanha Em comunhão com as vidas das mulheres*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

KROB, Daniéli Busanello. *Violência doméstica contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de; ZWETSCH, Roberto E. Acolhimento às mulheres negras para a superação das cadeias religiosas: um desafio ao feminismo. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBl, 2014.

PEDROTTI-MANSILLA, Débora Erileia. *Gênero e cotidiano comunitário na IECLB: um desafio de todas as pessoas*. In: IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2013.

RÍOS, Marcela Lagarde y de los. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 5 ed. México: UNAM, 2011.

ROSADO-NUNES, María José. *Nuevos Paradigmas en el Pensamiento Teológico Feminista – El anhelo por un mundo justo*. In: PILAR AQUINO, María; ROSADO-NUNES, María José. *Teología feminista intercultural: Exploraciones latinas para un mundo justo*. México: Ediciones Dabar, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. In: *Cadernos Pagu*, vol. 16. pp.115-136. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____. *Gênero patriarcado violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2105.

SCHAIBER, Lilia Blima et al. *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Coleção Saúde e Cidadania)

SENADO FEDERAL. Secretaria de Informação Legislativa. *Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996*. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=122009>>. Acesso em: 16 mai. 2016.



SINGH, Priscilla. *As igrejas dizem não à violência contra a mulher: plano de ação para as igrejas*. Tradução de Paul Tornquist e Brunilde Arend Tornquist. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2002; Porto Alegre: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2005.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a igreja: relação de gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

SOUZA, Mauro B. de. Prédica e justiça de gênero: possibilidades. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *História, saúde e direitos: sabores e saberes do IV Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: CEBI, 2016.

STRÖHER, Marga Janete. O que espero da religião? Palavras que me tragam para a vida! Mulheres tomam a palavra sobre religião e o discurso religioso na produção e na reprodução da violência sexista. In: OROZCO, Yury Puello (Org.). *Religiões em diálogo: Violência contra as Mulheres*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2009.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos)

TOMITA, Luiza Etsuko. *Corpo e cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina*. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2004.

VILHENA, Valéria Cristina. *Pela voz das mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Humanidades e Direito. São Bernardo do Campo, Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2009.

[Recebido em: maio de 2018/
Aceito em: junho de 2018]